

Escrita e Invenção

Doris Rinaldi

O poeta Manoel de Barros, em seu livro de memórias sobre a infância, intitulado *Memórias Inventadas*, abre o trabalho com a seguinte afirmação: “Tudo o que não invento é falso”.¹ Outro poeta, Ferreira Gullar, em recente entrevista, diz: “Um poema é uma invenção. Ele não existe antes de ser feito. Pode até sair outro... Poesia é uma aventura para captar coisas que não existem. Não está formulada. Ela não é nada. Ela é uma vontade, uma possibilidade. Só quando começa a escrever é que ganha forma”.²

Iniciar um trabalho sobre o tema da escrita convocando os poetas, quando a perspectiva adotada é a psicanalítica, vem reafirmar a posição sustentada tanto por Freud quanto por Lacan de que, diante da arte, estamos na condição de aprendizes, ou seja, o artista sempre precede o psicanalista e lhe abre os caminhos. Frente ao enigma da feminilidade, Freud sugeriu que consultássemos os poetas....³

Ainda que a psicanálise funde sua práxis na suposição de que o inconsciente é um *saber falado*, o interesse pela escrita está presente desde cedo na obra freudiana, quando aconselha que o sonho seja *lido* como uma “escritura sagrada” ou como um *rébus* a ser decifrado, devendo ser tomado *ao pé da letra*, o que pressupõe que o inconsciente deve ser pensado como um sistema de inscrições.

Lacan, por sua vez, desde o Seminário sobre A “Carta Roubada”⁴, em que analisa o conto de Edgar Allan Poe, assim como do escrito “A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud”⁵, ambos da década de 50 do século passado, destaca o valor da escrita,

¹ Barros, M. *Memórias Inventadas - A Infância*, São Paulo, Planeta, 2003.

² Gullar, F. in *Jornal O Globo*, 12/08/2006.

³ Ver Freud, S. Conferência XXXIII “Feminilidade”(1933) Novas Conferências Introdutórias sobre a Psicanálise in *Obras Psicológicas Completas*, Edição Standard Brasileira: Rio de Janeiro, Imago Editora, 1980. p.165.

⁴ Lacan, J. “O seminário sobre “A carta roubada”” (1955) in *Escritos*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.1998.

⁵ Lacan, J. “A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud” (1957) in *Escritos*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.1998.

em particular da *letra*, ao caracterizar o inconsciente a partir de sua estrutura de linguagem. Nesses textos privilegia a função do significante, concebendo a *letra* como seu suporte material ou como *significante puro*. Vinte anos depois irá aproximá-la cada vez mais do registro do Real, como o faz na lição de 13/01/76 do Seminário sobre Joyce, ao dizer que a *escrita* o interessa porque, “historicamente, foi por pequenos pedaços de escrita que se penetrou no real, a saber, que se cessou de imaginar. A escrita de letrinhas, letrinhas matemáticas, é isso que sustenta o real”.⁶

O ponto de partida da psicanálise é que a linguagem é habitada por aquele que fala, onde os significantes, que se modulam na voz, articulam-se uns aos outros, nos ditos e nos dizeres. Ao convidar o ser falante a dizer o que lhe vier à cabeça, a prática analítica abre espaço para emergência do sujeito, como efeito do discurso, através de um dizer verdadeiro que é sempre parcial e contingente. O dizer baseia-se na palavra e esta comporta uma dimensão imaginária, pois a fala tem função de significação; o escrito, ao contrário, dispensa esta dimensão, não exigindo necessariamente compreensão, como evidencia a escrita poética.

Como nos lembra Manoel de Barros, no poema “O apanhador de desperdícios”.⁷

“Uso as palavras para compor meus silêncios.

Não gosto das palavras

Fatigadas de informar.

Dou mais respeito

às que vivem de barriga no chão

tipo água pedra sapo.....”

A experiência analítica desenvolve-se através da palavra falada: se as palavras não são ditas, não basta escrevê-las; a dimensão da escrita, entretanto, já está aí colocada, pois é na medida em que o dizer se escreve que podemos supor a dimensão do saber inconsciente.

Lacan aborda a função da escrita no inconsciente e na constituição do sujeito a partir do *traço unário*, neologismo que constrói com base na noção de *traço único* (*einzigster Zug*) formulada por Freud na teoria da identificação.⁸ Ele retoma essa noção, dando-lhe um

⁶ Lacan, J. *Le séminaire, Livre 23, Le Sinthome*, Paris, Editions du Seuil, 2005.

⁷ Barros, M. “O apanhador de desperdícios” in op.cit.

⁸ Freud, S. “Psicologia de grupo e análise do eu” (1921) in Op. Cit.

caráter estrutural, como marca primeira que inaugura o sujeito. Essa marca inscreve uma diferença a partir da qual o sujeito insere-se em uma série simbólica. Como *letra*, ao mesmo tempo em que representa o sujeito no seu nascedouro, possibilitando uma identificação simbólica, traz a memória de um gozo perdido, que inaugura o processo de repetição característico do movimento inconsciente. Há, portanto, algo da ordem de uma escrita primordial que marca o sujeito na sua singularidade, onde se articulam *letra* e *gozo*. O significante é uma invenção a partir de alguma coisa que já está lá para ser *lida*. Não se trata, portanto, na experiência analítica, apenas de escuta, mas do que se lê no que se escuta. Poderíamos dizer que se trata de uma releitura, já que a própria fala do sujeito, seus sonhos, sintomas e fantasias são da ordem de uma primeira leitura das marcas primordiais que recebeu do Outro, ao fazê-las suas.

Alguns elementos da história do advento da escrita ajudam a pensar a função do *traço unário* como escrita primordial que funda o sujeito. É o que Lacan nos traz no Seminário IX, *A identificação*⁹, quando chama a atenção para o fato de que, mesmo admitindo-se que o homem, desde que é homem, tem uma missão vocal como falante, há uma série de traços e traçados encontrados em material pré-histórico que são marcas significantes que poderíamos chamar de *letras*. Os ideogramas apresentam algo muito próximo de uma imagem, mas que se torna ideograma na medida em que se apaga cada vez mais o caráter de imagem. A escrita cuneiforme nasce assim. São traços que saem de algo figurativo, mas um figurativo apagado, recalcado ou mesmo rejeitado. O que fica é da ordem do *traço unário*, que funciona como distintivo, como marca.

Alguns estudos indicam que os significantes da escrita foram primeiramente produzidos como marcas distintivas, bem antes do nascimento dos caracteres hieróglifos. Na cerâmica da indústria pré-dinástica encontram-se quase todas as formas que foram utilizadas em seguida na evolução histórica, nos alfabetos grego, latino, fenício. A escrita como conjunto de marcas, como indica Lacan, “esperava para ser fonetizada, e é na medida em que ela é vocalizada, fonetizada como outros objetos, que a escrita aprende, se posso dizer assim, a funcionar como escrita”.¹⁰

Há, portanto, um tempo demarcado historicamente em que há algo para ser lido com

⁹ Lacan, J. *A identificação: Seminário 1961-1962*, Recife Centro de Estudos Freudianos do Recife, 2003. (publicação para circulação interna).

¹⁰ *Ibidem*, p.93.

a linguagem quando ainda não há escrita. É pela inversão dessa relação de leitura do signo que pode nascer, em seguida, a escrita, uma vez que ela serve para conotar a fonematização.

O que é importante assinalar nesse processo é que essas marcas são sempre marcas apagadas, rasuradas, que se transformam em escrita na medida em que são apropriadas pela linguagem, evidenciando algo de radical no enlaçamento da linguagem com o real. O que representa o advento da escrita é que alguma coisa que já é escrita, como traço, ao ser nomeada pela fala, pode servir de suporte à própria escrita. O sujeito, a propósito de algo que é marca, já lê antes de se tratar dos sinais da escrita e associa essas marcas a pedaços recortados de sua fala. São eles que, numa inversão, servirão em seguida como suporte fonético.

Na constituição do sujeito, o traço unário tem essa função de bastão, como traço distintivo, tanto mais distintivo quanto mais está apagado, pois é na medida em que se reduz ao traço sem qualidades, isto é, quanto mais ele é semelhante, puro bastão, mais ele funciona como suporte da diferença. É isso que introduz no real do ser falante a diferença como tal, já que no real não há nada. Se o traço apaga a Coisa (*das Ding*), dela restando apenas rastros de gozo, a passagem ao significante se dá a partir dos diversos apagamentos que farão surgir o sujeito em seus diferentes modos de manifestação. O traço unário é significante, portanto, não de uma presença, mas de uma ausência apagada que, a cada volta, a cada repetição, presentifica-se como ausência. É aí que se localiza o ponto radical, arcaico, suposto na origem do inconsciente. Ao supormos que o inconsciente é o lugar do sujeito onde *isso fala*, nos aproximamos desse ponto onde alguma coisa, à revelia do sujeito, é remanejada pelos efeitos de retroação significante, implicados na fala.

O significante é uma invenção a partir dessa marca apagada, assim como o saber, na medida em que inventamos sempre alguma coisa para contornar o nada do real. O mundo é uma hipótese, onde o sujeito reinventa-se continuamente, e ninguém melhor do que os escritores – especialmente os poetas - para trazerem isso à tona, a partir de seu *savoir-faire* com a língua. Eles evidenciam essa função da *letra* como aquilo que desenha a borda do furo do saber, como um litoral entre simbólico e real.

Lembrando Ferreira Gullar, citado na introdução desse trabalho,

"Um poema é uma invenção. Ele não existe antes de ser feito. Pode até sair outro...

ou Manoel de Barros, quando diz: "Uso as palavras para compor meus silêncios".

A escrita, portanto, não é impressão, decalque do significante. O que ela decalca são, como diz Lacan em "Lituraterra", "os efeitos de língua, o que [do significante] se forja por quem a fala".¹¹ A *letra*, nesse sentido, ainda que sirva de apoio ao significante, não deve ser pensada como primária em relação a ele, mas antes como consequência do fato da linguagem ser habitada por quem fala. No campo do significante estamos, contudo, na dimensão do semblante, isto é, do "parecer", da ficção, em cujo ponto de ruptura, ou de transbordamento, emerge o real. Nesse lugar a psicanálise evoca o gozo.

Entre o saber e o gozo, a *letra* faz litoral que, como ponto de virada sempre buscado no movimento de repetição que constitui o inconsciente, transforma-se em *literal*. O traço unário, herança do Outro, situa-se exatamente aí, como um sulco que a linguagem faz no real do ser falante e é, ao mesmo tempo, de seu apagamento e de sua repetição que nasce o sujeito como uma invenção a ser sustentada permanentemente. É nesse movimento que constituirá sua verdade, sempre fictícia, sempre marcada pela parcialidade, mas que determinará a sua diferença. Como nos diz o poeta Manoel de Barros: "Tudo o que não invento é falso".

A escrita cava sulcos no real, ao apropriar-se dos efeitos do significante recortando pedaços de real, através da letra. Por isso Freud afirma que o sonho, como via régia de acesso ao inconsciente, deve ser tomado como uma escritura sagrada, pois é em sua letra que se pode apreender a dimensão real, enigmática do inconsciente, o umbigo de onde nasce o desejo, e, ao mesmo tempo, as vias significantes por onde ele caminha.

É o que também nos leva a sustentar que a literatura, como "acomodação de restos"¹², ensina à psicanálise, pois ao recortar esses restos e transmiti-los pela escrita, ela revela algo dessa dimensão fundadora do inconsciente humano. Como nos ensina mais uma vez Manoel de Barros, quando diz:

"Sou um apanhador de desperdícios:

Amo os restos

Como as boas moscas.

Queria que a minha voz tivesse um formato de canto.

¹¹ Lacan, J. "Lituraterra"(1971), in *Outros Escritos*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2003.

¹² *Ibidem*, p.16.

Porque eu não sou da informática: eu sou da invencionática.

Só uso palavra para compor meus silêncios”.¹³

Foi o que fascinou Lacan na escrita de Joyce, levando-o a dedicar um seminário inteiro ao escritor irlandês. Em conferência proferida na Universidade de Yale (24/11/75), afirmou que se interessava mais pela *letra* do que pela literatura e que Joyce o fascinou justamente porque tentou ir além da literatura, quebrando palavras e segmentando frases, numa tentativa de dissolver a própria linguagem.

Na experiência analítica estamos necessariamente no campo da linguagem e da palavra falada. Se esta dá notícias de inscrições apagadas, retomadas a cada volta no processo de invenção do sujeito que o percurso de uma análise reinventa, é nesse movimento mesmo de falar que algo se escreve, fazendo surgir a *letra* como litoral de gozo, na composição de uma escrita em que nada mais há a fazer para decifrá-la.

Referências Bibliográficas:

BARROS, M. *Memórias Inventadas - A Infância*, São Paulo, Planeta, 2003.

FREUD, S. “Psicologia de grupo e análise do eu” (1921) in *Obras Psicológicas Completas*, Edição Standard Brasileira, Rio de Janeiro, Imago Editora, 1980

_____. Conferência XXXIII “Feminilidade”(1933) *Novas Conferências Introdutórias sobre a Psicanálise in Obras Psicológicas Completas*, Edição Standard Brasileira: Rio de Janeiro, Imago Editora, 1980.

GULLAR, F. Entrevista in *Jornal O Globo* de 12/08/2006.

LACAN, J. “O seminário sobre “A carta roubada”” (1955) in *Escritos*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor. 1998.

_____. “A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud” (1957) in *Escritos*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor. 1998.

LACAN, J. *A identificação: Seminário 1961-1962*, Recife Centro de Estudos Freudianos do Recife, 2003. (publicação para circulação interna).

_____. *Le séminaire, Livre 23, Le Sinthome*, Paris, Editions du Seuil, 2005.

_____. “Lituraterra”(1971), in *Outros Escritos*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2003.

¹³ Ibidem.

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.
This page will not be added after purchasing Win2PDF.